

EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO ESTRATÉGIA DE MELHORIA NA GESTÃO DOS RECURSOS PESSOAIS

Autores

João Felipe Fili¹

Milena Aparecida da Silva Ferreira²

Wendell Alexandre Teixeira da Silva³

Norio Ishisaki⁴

Resumo

A situação econômica atual do Brasil e de muitos países renova a discussão de como economizar e gerenciar seu dinheiro, e alerta as pessoas quanto a esta questão. Entretanto, o planejamento engloba diferentes ciências, como economia, educação financeira e gestão financeira. O estudo abordou como a educação em finanças e o planejamento financeiro podem interferir na saúde financeira das pessoas e das famílias, seja de forma positiva ou negativa, isto, por meio de pesquisas bibliográficas com alguns autores da área e documentos e dados disponibilizados por organizações públicas e privadas, como o Sebrae. A metodologia incluiu um modelo de controle financeiro, onde esperou-se orientar às pessoas para um melhor planejamento financeiro. Além disto, foi aplicado um questionário com um grupo de universitários para verificar os níveis de educação em finanças e a viabilização e importância do modelo de controle financeiro como auxílio na educação financeira para a gestão dos recursos pessoais.

Palavras-chave: Educação financeira. Planejamento financeiro. Economia. Gestão financeira.

FINANCIAL EDUCATION AS A STRATEGY FOR IMPROVING THE MANAGEMENT OF PERSONAL RESOURCES

Abstract

The current economic situation in Brazil and many countries renews the discussion on how to save and manage your money, and alerts people to this issue. However, planning encompasses different sciences, such as economics, financial education and financial management. The study approached how education in finance and planning can interfere in the financial health of people and families, whether in a positive or negative way, that is, through bibliographic research with some authors in the area and documents and data made available by public organizations and private, like Sebrae. The methodology included a financial control model, where it was hoped to guide people towards better financial planning. Beyond this, a questionnaire was applied with a group of university students to verify the levels of education in finance, the viabilization and importance of the financial control model as an aid in financial education for the management of personal resources

Keywords: Financial Education. Financial Planning. Economics. Financial management.

¹ Graduado em Gestão Empresarial pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo – Fatec Prof. Waldomiro May. Email: contato@fateccruzeiro.edu.br

² Graduada em Gestão Empresarial pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo – Fatec Prof. Waldomiro May. Email: contato@fateccruzeiro.edu.br

³ Graduado em Gestão Empresarial pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo – Fatec Prof. Waldomiro May. Email: contato@fateccruzeiro.edu.br

⁴ Mestrado em Administração pela Unitaú e docente na FATEC Prof. Waldomiro May. Email: norio.ishisaki@fatec.sp.gov.br

INTRODUÇÃO

Considerando a variedade de instrumentos financeiros existentes atualmente, como, por exemplo, os cheques, cartões e empréstimos bancários, é observada a necessidade de uma preparação das pessoas para lidarem com a administração de suas finanças e com as dificuldades existentes para um controle eficiente na aquisição de bens e serviços, bem como para um bom planejamento de reservas financeiras. (BORGES, 2013).

Atualmente é visível a dificuldade existente para realizar um controle financeiro. Conforme uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito Brasil (SPC) realizada em 2018, apenas 18,4% dos brasileiros estavam com contas controladas, com sobra de recursos para consumir ou fazer investimentos. 40,1% dos entrevistados apontaram estar no “zero a zero”, sem sobra e nem falta de recursos. Já 37,9% assumiram estar endividados e não conseguiram pagar todas as contas com o valor que ganham. Os restantes não souberam responder. Segundo os entrevistados dessa pesquisa, as causas para estarem endividados foram diversas: como a redução da renda, preços altos, perda de emprego, problemas de saúde na família e outras despesas inesperadas.

Segundo informações dos órgãos responsáveis pelo acesso e proteção ao crédito do país, os índices de inadimplência vêm se elevando ao longo dos anos, o que evidencia ainda mais a necessidade dos indivíduos em adquirirem mais conhecimento sobre suas finanças, ou seja, educar-se financeiramente. Não deixar para se organizar financeiramente só quando o problema já está muito difícil de resolver. Partindo do princípio de que prevenir é melhor que remediar, nesse aspecto a situação é semelhante, já que se prevenir dos problemas financeiros é mais econômico do que remediá-los.

Logo, a melhoria na educação financeira, com atitudes financeiramente mais conscientes por parte das pessoas, que terão melhor conhecimento de suas finanças, poderá acarretar uma diminuição e desaceleração dos índices de inadimplência que vêm se elevando. (CRUZ; KROETZ; FÁVERI, 2012).

O tema escolhido tem relevância pessoal e acadêmica já que possibilita apurar conhecimentos aprendidos na área de economia e gestão financeira, e aplicá-los a fim de contribuir com ensinamentos econômicos básicos aos usuários desse trabalho. Tais ensinamentos financeiros podem causar um impacto social significativo, já que possibilitariam melhorar a qualidade de vida financeira dos usuários desse trabalho, além de colaborar na

melhoria do bem-estar das pessoas, que por intermédio do presente artigo teriam a possibilidade de alcançar uma vida econômica mais tranquila e estável.

Geralmente, os trabalhos publicados nessa área utilizam linguagem muito técnica e específica, o que por vezes desmotiva os indivíduos que desejam valer-se do conceito do artigo. Assim, buscou-se o uso de linguagem mais simples que facilita o entendimento do tema abordado. Logo, o objetivo geral desta pesquisa foi auxiliar no exercício do planejamento e controle financeiro na vida pessoal e profissional do universitário para utilizar adequadamente o salário (ou futuro salário) no cotidiano e para realizar investimentos para o futuro. O objetivo específico foi a elaboração de um modelo de controle financeiro simples que se enquadre facilmente no padrão de vida das pessoas e auxilie na gestão de seus recursos, e também no hábito do planejamento e controle financeiro pessoal.

O processo metodológico do presente artigo se deu em forma de pesquisa exploratória, fundamentado em pesquisas bibliográficas e em sites e artigos dentro da área abordada. Assim, por meio dos estudos realizados, procurou-se contribuir com um modelo de controle financeiro que possa facilmente ser utilizado pelas pessoas. Esperou-se como resultado deste trabalho, um entendimento básico das pessoas acerca da educação e gestão financeira, bem como auxiliar quanto a conhecimentos financeiros básicos para um melhor gerenciamento dos recursos pessoais e, um melhor controle das atividades da vida financeira. No segundo momento da pesquisa foi realizada a aplicação de um questionário com um grupo de universitários que estão iniciando suas atividades no mercado e, conseqüentemente, o processo de gestão de suas finanças, para verificar a viabilidade e importância do modelo proposto. O resultado obtido com a aplicação do questionário foi que o nível de conhecimento financeiro das pessoas aumentou, mas ainda é necessário ter um modelo de controle financeiro como ferramenta de auxílio na gestão e no planejamento de suas finanças.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de economia

Para entender a gestão financeira, e como praticá-la, é necessário que se possua certo conhecimento de economia, no mínimo saber a atual situação econômica no cenário em que o indivíduo está inserido. Segundo Flynn (2009, p. 09), a economia é a ciência que estuda como as pessoas e as sociedades tomam decisões que lhes permitem obter o máximo proveito dos escassos recursos de que dispõem. O autor ainda comenta a necessidade do uso da ciência

econômica pela escassez de tempo, recursos, bens de consumo, facilitando, assim, quanto a estas questões.

Há duas linhas a seguir dentro da economia, a microeconomia e a macroeconomia. Gomes (2012) expõe que é comum fazer distinção da microeconomia e da macroeconomia, e Gomes destaca que “a primeira respeita ao estudo do comportamento dos agentes econômicos, como as famílias e as empresas, e às relações de mercado que entre eles se estabelecem” sendo que a partir dela (microeconomia), empresas conseguem alavancar seus lucros de acordo com custos e receitas. E há também a macroeconomia, a qual Gomes (2012) diz não ser mais do que o resultado da conjugação das decisões individuais que a microeconomia estuda, mas algum cuidado é necessário quando se procura extrapolar as relações microeconômicas para uma escala de maior dimensão. Pode se dizer então que a macroeconomia estuda a ciência econômica como um todo, analisando o procedimento de grandes agregados como: rendas e produtos, nível geral de preços, emprego e desemprego, balanço de pagamento, entre outros.

Dentro da economia, há também um importante fator que permeia os problemas e questões econômicas, a questão da escassez, sempre muito abordada nos materiais neste âmbito. Sabe-se, os recursos próprios são limitados, ou seja, é necessário que se escolha onde e como aplicar, investir, gastar, produzir com muita prudência. Tem-se então quatro questões vitais para o controle, são elas, O QUE E QUANTO, COMO e PARA QUEM produzir. Vasconcellos (2006, p. 3 e 4) detalha estas questões como se pode observar a seguir:

- **O QUE E QUANTO produzir:** a sociedade deve decidir se produz mais bens de consumo ou bens de capital, ou, como num exemplo clássico: quer produzir mais canhões ou mais manteiga? Em que quantidade? Os recursos devem ser dirigidos para a produção de mais bens de consumo, ou bens de capital?
- **COMO produzir:** trata-se de uma questão de eficiência produtiva: serão utilizados métodos de produção capital-intensivos? Ou mão-de-obra-intensivos? Ou terra-intensivos? Essa escolha segue a disponibilidade de recursos de cada país.
- **PARA QUEM produzir:** a sociedade deve decidir quais os setores que serão beneficiados na distribuição do produto: trabalhadores, capitalistas ou proprietários da terra? Agricultura ou indústria? Mercado interno ou mercado externo? Região Sul ou Norte? Ou seja, trata-se de decidir como será distribuída a renda gerada pela atividade econômica.

Estes conceitos de microeconomia, macroeconomia, lei da escassez auxiliam muito quando a questão é o planejamento financeiro. Sendo que, quanto mais atento e conectado a

estas questões, com mais eficiência ele ocorrerá. Além destes conceitos, a economia apresenta outros diversos. Bergo (2011) destaca alguns destes outros conceitos importantes, como:

1. Imposto - É a parcela da renda cobrada pelo governo, direta ou indiretamente, dos agentes econômicos, com a finalidade de manter a estrutura governamental e reverter à coletividade, benefícios coletivos.
2. Consumo - representa a maior destinação da renda, é por meio dele que os agentes econômicos têm as suas necessidades econômicas satisfeitas.
3. Poupança - É a parcela da renda não gasta em consumo. De modo geral, a poupança representa um sacrifício no presente para permitir um consumo no futuro.

2.2 Conceito de gestão financeira

A gestão de finanças é um assunto essencial ao trabalho, é a ciência que analisa e interpreta resultados das atividades e movimentações financeiras, seja isto de uma empresa ou uma família, sendo que pode se observar de acordo com o que afirma Gitman (2009, p. 3) que “o campo das finanças é amplo e dinâmico, afeta diretamente a vida das pessoas e das organizações”.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2018) diz que a gestão financeira compreende um conjunto de ações e procedimentos administrativos que visam maximizar os resultados econômicos e financeiros, isto pode se dar por meio de procedimentos e métodos como o planejamento dos recursos e da movimentação financeira, análise de efetividade do planejamento, controle das movimentações financeiras, controle adequado nas famílias e nas empresas por problemas mais técnicos, porém, problemas estes que podem ser fatais para a saúde financeira da organização, eles são: falta de registro adequado, falta de entendimento nas movimentações, tanto na entrada como na saída de capital, além de diversos outros, como a falta de experiência de quem está administrando e gerindo o negócio.

O Sebrae (2018) também afirma que para as empresas, a gestão financeira deve ser aplicada com planejamento e execução criteriosa propiciando competitividade, lucro e crescimento, além do gerenciamento dos resultados sendo realizado em tempo real aos acontecimentos e do atendimento aos objetivos planejados.

A gestão financeira é uma ferramenta muito eficiente, e essa eficácia se traduz na busca por resultados positivos, onde engloba diversos fatores que podem e acabam por influenciar nas tomadas de decisões das empresas e das pessoas. A gestão de finanças, bem como a economia,

tem seus conceitos com maior enfoque no âmbito empresarial, mas são campos de estudo e aplicação que não se restringem a essa esfera.

O conceito de gestão financeira se faz presente na vida das pessoas constantemente por meio do gerenciamento que fazem do orçamento, no simples ato de se certificar se os ganhos estão sendo maiores que os gastos, assim, a gestão financeira baseia-se no planejamento, análise, e tomada de decisões relacionadas com a gestão do dinheiro. Dessa forma, uma boa gestão do orçamento pessoal ou familiar resulta de um equilíbrio entre as receitas e as despesas, ou seja, entre o que se ganha e o que se gasta.

Uma administração saudável das finanças pessoais é essencial para que se atinja equilíbrio financeiro. Logo, cada família deve começar por identificar onde o gasto é maior e eliminar o desperdício financeiro, de forma a aumentar o rendimento disponível, para a realização dos seus projetos. Tudo isso, tendo em vista que a maioria das pessoas e das famílias não tem ideia do dinheiro gasto em coisas supérfluas. Portanto, gerir bem as finanças pessoais não significa ganhar mais, mas sim, fazer uma distribuição melhor de onde se gasta o dinheiro.

2.3 Planejamento financeiro

Para se falar da gestão financeira pessoal, é necessário que haja consciência da atual situação econômica e das possibilidades de variação do mercado. Devido à falta deste conhecimento, as pessoas acabam por escolher opções como financiamento em longo prazo e empréstimos, sendo que estes vêm sempre acompanhados de juros altos e muitas vezes acabam tornando inviável o pagamento e, por consequência, gera o endividamento da população.

Para Ross, Westerfield e Jaffe (2010) o planejamento financeiro é um importante aspecto das operações tanto em empresas quanto em famílias, pois ele mapeia os caminhos para guiar, coordenar e controlar as ações das empresas e das famílias para atingir seus objetivos. Para que se tenha controle das finanças pessoais é necessário o conhecimento e cumprimento de determinados fatores que influenciam, como:

- Ativos e passivos;
- Objetivos e metas;
- Prioridades;
- Buscar informações sobre investimentos;
- Comparar custo-benefício dos produtos;

- Viver conforme a condição financeira.

Para Frankenberg (1999, p. 31), o planejamento financeiro ocorre pelo estabelecimento de uma estratégia que irá permitir a acumulação de bens e valores que formarão o patrimônio de um indivíduo ou de uma família. Dentre os estudos destaca-se que seja estabelecido previamente um planejamento de curto prazo e outro de longo prazo, o que torna mais claro e facilita o acompanhamento do desempenho financeiro. Alguns desses estudos:

I. Planejamento Financeiro de Curto Prazo - Como exposto por Gitman (2009, p.588) o planejamento em curto prazo são ações planejadas para um período entre um ano, acompanhadas da previsão de seu reflexo financeiro. Abrange mais as necessidades básicas das famílias.

II. Planejamento Financeiro de Longo Prazo - Ainda segundo Gitman (2009, p. 588) “são ações financeiras projetadas para um futuro distante acompanhado da previsão de seus reflexos financeiros. Tais planos tendem a cobrir um período de dois a dez anos”. Como exemplo, tem a aquisição ou um investimento que requer um capital maior que o comum.

Segundo Cerbasi (2005, p. 85), deve sempre levar em consideração que é importante “gastar menos que se ganha”, isto é, quando se atem apenas no que se ganha, muito se perde ao gastar, isto devido à falta de controle pré-estabelecido. Os ganhos são sempre bem conhecidos, sendo assim, os gastos, todos eles, os fixos e variáveis, devem sempre ser considerados. Deve-se aproveitar e gastar de um modo que se adeque ao ganhar.

De acordo com o “Caderno De Educação Financeira - Gestão de Finanças Pessoais” do Banco Central do Brasil (BCB) (2013). Em um ambiente de inflação controlada, é mais fácil se planejar. Por esse motivo, o trabalho do BCB para manter a inflação sob controle é muito importante para a gestão das suas finanças e das finanças de todas as famílias brasileiras. As famílias que planejam adequadamente o consumo conseguem obter uma série de vantagens (BCB, 2013).

Com o desenvolvimento de métodos para o controle financeiro pessoal, tornou-se comum as pessoas utilizarem de planilhas, tanto em computador, quanto em celulares. As planilhas facilitam muito a supervisão das operações. Assim, Luis Carlos Ewald (2003) e Gustavo Cerbasi (2013), destacam alguns elementos estruturais essenciais na construção de uma planilha:

- Receitas Fixas (Rendimento de salários, aluguéis e pensões);
- Receitas Variáveis Tributadas (Rendas de aplicações);
- Receitas Variáveis Não Tributadas (13º Salário Líquido, Férias, Bônus e Extras);

- Receita Total (Total de Receitas Fixas + Total de Receitas Variáveis Tributadas e Não Tributadas).

Ainda de acordo com Cerbasi (2013), alguns pontos são fundamentais para um funcionamento da gestão financeira como: controle de gastos, estabelecimento de objetivos e metas, disciplina com investimento, ajustes referentes à inflação e mudanças de renda, administração do que se possui ou conquistou. Desse modo, conforme Welsch (2010), o planejamento é uma ferramenta eficaz, se for embasada em números os mais realistas possíveis e estiver preparado para as mais diversas imprevisões, existem diversas técnicas estatísticas, matemáticas e computacionais que podem fazer com que o planejamento chegue bem próximo do esperado e traga estabilidade financeira.

2.4 Finanças pessoais

Quando se fala em finanças pessoais fica claro que a matemática, os números e as contas estarão sempre presentes. Estas palavras geralmente assustam as pessoas e faz com que elas não tenham tanto interesse pelo assunto em questão, mas o que elas não sabem é que o tema “finanças pessoais” na prática não é tão complexo como parece ser, e que ter ao menos uma noção sobre isso já faz bastante diferença.

Segundo Pires (2006, p. 13), as finanças pessoais têm por objeto de estudo e análise as condições de financiamento das aquisições de bens e serviços necessários à satisfação das necessidades e desejos individuais, pode-se dizer então que entender sobre finanças pessoais nada mais é do que entender a movimentação do dinheiro das pessoas, ou seja, como ele entra e como ele sai do bolso de cada indivíduo.

Em uma sociedade, onde o consumo é elevado, seja para suprir a necessidade de sobrevivência, ou apenas para realizar um desejo pessoal, situa-se um grande problema, onde na maioria das vezes gasta-se bem mais do que se ganha. Como resultado, o número de dívidas das pessoas cresce e, em alguns casos elas têm que recorrer a outros recursos financeiros para buscar condições de pagar as dívidas adquiridas, tornando a situação uma imensa “bola-de-neve”.

Por esses motivos, o objetivo das finanças pessoais é garantir que as despesas dos indivíduos sejam pagas somente com a renda obtida por meio de fontes que se tenha controle (como o salário) sem precisar depender dos recursos de terceiros (empréstimos, cheque especial, entre outros), e garantir também que os gastos sejam proporcionais ao ganho.

Para atingir os objetivos das finanças pessoais, é necessário conhecer a lógica do dinheiro e do mercado, ou seja, os fundamentos das finanças pessoais (PIRES, 2006, p. 16), pois assim, pode-se aprender como agir perante as situações. A lógica do dinheiro é assim: cada um dá o que tem e recebe o que precisa. Dar o que tem é trabalhar, receber o salário, e ir ao mercado comprar algo, gastando uma parte da renda. Receber o que precisa está no ato de obter o salário e, no de retirar as compras.

Grande parte das pessoas passam a vida inteira sem nem sequer ouvir sobre essa lógica, o resultado disso é que sempre acabam dando mais do que possuem para conseguirem o mínimo do que precisam. Pensando nessa questão, as finanças pessoais definem uma situação financeira ideal para os indivíduos: aumentar as receitas (ganhos) e reduzir as despesas simultaneamente, para que seja possível manter o dinheiro sob controle, proporcionando tranquilidade e satisfação no presente, e uma possível melhora da situação financeira no futuro.

2.4.1 Endividamento

Junto com o progresso, vem o ganho de capital e por consequência investimentos e/ou compras com o mesmo. Os brasileiros, em sua maioria, tendem a ter problemas com o cumprimento de dívidas. Um dos principais motivos é a grande instabilidade econômica na qual o país se encontra e a falta de educação e planejamento financeiro pessoal.

De acordo com a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) por meio da Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC Nacional) que é realizada mensalmente desde 2010, o percentual de famílias que relataram ter dívidas entre cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro alcançou 61,2% em março de 2018, o que representa uma estabilidade em relação ao patamar observado em fevereiro de 2018. Houve alta, porém, em relação a março de 2017, quando o indicador alcançou 60,8% do total de famílias. A proporção das famílias que se declararam muito endividadas aumentou entre os meses de fevereiro de 2018 e março de 2018 – de 13,6% para 14,1% do total de famílias. Na comparação anual, houve queda de 0,6 pontos percentual (PEIC NACIONAL, 2018).

Embora o PEIC Nacional de 2018 tenha mostrado uma ligeira desaceleração nos índices de inadimplência no País, o PEIC Nacional de junho de 2020 já traz novamente à tona a realidade brasileira, apontando um salto para 67,1% de endividados, além de um aumento para 11,6% de famílias que não terão condições de pagar suas contas. Um recorde histórico.

O Banco Central do Brasil (2013) diz que, toda vez que se consome algo e não se paga naquele exato momento, assume-se uma dívida. Então que é essencial ter em mente que é comum deixar, durante o mês, muitas coisas para pagamento futuro. O que salienta mais a necessidade de acompanhar sempre muito bem os gastos por menores que sejam para o planejamento futuro e melhor desempenho.

2.4.2 Comportamento do consumidor

Quando fala de consumo, nota-se que o comportamento da população vem se transformando quanto a esse quesito nas últimas décadas. Isso se deve tanto aos avanços econômicos, quanto aos avanços tecnológicos, além das estratégias das empresas para o aumento do consumo. Mowen e Minor (2003) definem o comportamento do consumidor como sendo o estudo das unidades compradoras e dos processos de trocas envolvidos na aquisição, consumo e na disposição de mercadorias, serviços, experiências e ideias.

Blackwell *et al* (2005 p.6) saem um pouco desta visão e definem o comportamento do consumidor como “atividades com que as pessoas se ocupam quanto obtêm, consomem e dispõem de produtos e serviços, como um campo de estudo que foca nas atividades do consumidor”.

Porém, com estes novos comportamentos de consumo surgindo na sociedade, as pessoas agora estão mais exigentes quanto à qualidade do produto desejado. A concorrência também é maior, o que é um fator positivo para os consumidores. Com tanto que se procurem bem diferentes ofertas, as pessoas conseguem um produto de qualidade e acessível no preço. Mainardes (2006) afirma que este contexto trouxe mais respeito, cuidado e responsabilidade por parte das empresas com o consumidor, desencadeando mudanças na mídia, nos hábitos de consumo, nas relações comerciais e institucionais.

Este novo quadro faz com que apesar de estar mais concorrido para as empresas, o cliente quando fica satisfeito com o produto e atendimento, tende a se fidelizar na empresa em questão, ou seja, tende a se tornar um consumidor fiel, pois sabe a qualidade e tem confiança nela.

De acordo com Solomon (2002), o campo do comportamento do consumidor abrange uma ampla área: é o estudo dos processos envolvidos quando indivíduos ou grupos selecionam, compram, usam ou dispõem de produtos, serviços, ideias ou experiências para satisfazer necessidades e desejos; tendo em vista que é o que acontece na sociedade de consumo muitas

vezes. Pessoas comprando para satisfazer desejos que são um novo produto ou serviço que desperte a vontade do consumidor, como muitas vezes o produto em questão não é algo necessário no momento, é apenas a satisfação das vontades geradas por este comportamento de consumo.

2.5 Fluxo de caixa

Outro importante assunto na aprendizagem da educação financeira, bem como essencial aliado no exercício desta, é o fluxo de caixa. Este último é definido por Silva (2016, p. 37) como “um instrumento de gestão financeira que projeta para períodos futuros todas as entradas e as saídas de recursos financeiros da empresa, indicando como será o saldo de caixa para o período projetado”. De forma sintética o fluxo de caixa mostra o total de entradas menos o total de saídas de uma empresa (ou família) em um determinado período. Geralmente é elaborado diariamente para um período mensal.

Manter o caixa positivo é de extrema importância para as empresas, sem ele não é possível comprar estoque, pagar os colaboradores, pagar as faturas e os serviços de utilidade pública ou saldar uma dívida. Para manter a empresa bem e fazê-la crescer é necessário possuir caixa (ROGERS, 2011).

A importância desta ferramenta materializa-se igualmente dentro das famílias, de modo que sua ausência pode prejudicar de formas semelhantes como nas empresas, seja na aquisição de produtos ou no pagamento de dívidas e serviços, entre outros.

Os fluxos de caixa empresariais podem ser divididos em três: operacionais, de investimento e, de financiamento. Os operacionais são as entradas e saídas relacionadas de forma direta com a produção e venda de produtos e serviços da empresa. Os fluxos de investimento são aqueles relacionados com as participações societárias e com a compra e venda dos ativos imobilizados. Fluxos de financiamento surgem de operações de empréstimos e capital próprio.

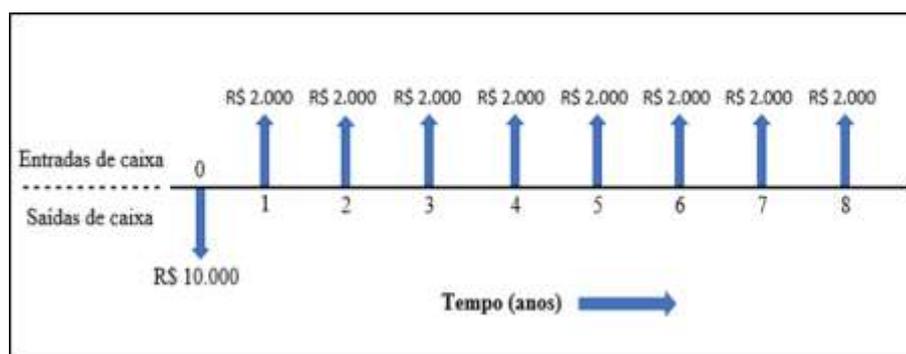
Todas estas operações, obviamente, sejam compra ou venda, tomada ou quitação de empréstimo, tanto de curto quanto de longo prazo, geram entradas e saídas de caixa (GITMAN, 2009).

Segundo Hoji (2014, p. 16) “da mesma forma como é feita em empresas, as atividades domésticas podem ser classificadas em: a) operações; b) investimentos; e c) financiamentos”.

Dessa forma, as atividades que geram renda na família são as atividades principais, portanto podem ser consideradas dentro das operações. Os filhos que ainda não trabalham não contribuem na geração da renda familiar, assim, geralmente formam despesas. Porém, se há gastos com seus estudos e essa ação vá trazer renda para família futuramente, pode ser considerada um “investimento”, caso contrário, deve ser considerada despesa (HOJI, 2014).

Geralmente os fluxos de caixa relacionados a projetos de investimento de capital podem classificar-se de duas formas: convencional e não-convencional. O padrão convencional consiste em uma saída inicial seguida por uma série de entradas. O padrão não-convencional é justamente o contrário, desse modo não há entradas subsequentes à uma saída inicial (GITMAN, 2009). A seguir serão apresentados exemplos destes dois modelos de fluxo de caixa. O primeiro é o tipo convencional, mostrado na Figura 1.

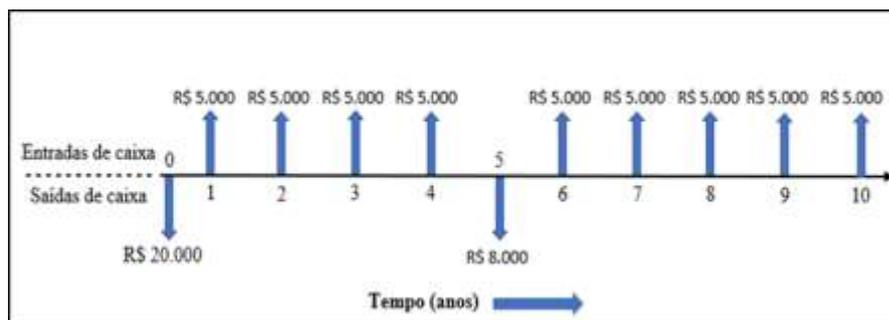
Figura 1 - Fluxo de caixa convencional



Fonte: Adaptado de Gitman (2009, p. 329)

Pode-se observar na Figura 1 que a empresa gastou inicialmente R\$ 10.000 e, espera como resultado receber uma quantia de R\$ 2.000 no fim de cada ano, pelos próximos oito anos subsequentes, esta ação configura claramente um fluxo de caixa convencional (GITMAN, 2009). Segue adiante, ilustrado na Figura 2, o exemplo de fluxo não-convencional.

Figura 2 – Fluxo de caixa não-convencional



Fonte: Adaptado de Gitman (2009, p. 330)

No exemplo da Figura 2, considera-se que a empresa teve um gasto inicial de R\$ 20.000 na aquisição de uma máquina, visando gerar entradas pelos próximos quatro anos. No quinto ano posterior à compra pode ser necessário um gasto de R\$ 8.000 para manutenção da máquina, de modo que ela irá gerar entradas de R\$ 5.000 por mais cinco anos decorrentes.

Esta ação, em que uma saída inicial não é seguida de entradas em série, caracteriza o fluxo não-convencional (GITMAN, 2009). Geralmente qualquer projeto que tenha fluxo de caixa no modelo convencional, inclui três itens básicos:

- (I) investimento inicial,
- (II) entradas de caixa operacionais e
- (III) fluxo de caixa residual. O investimento inicial é a saída de recurso no primeiro instante (instante zero), relacionado ao projeto em questão. Entradas de caixa operacionais são as entradas incrementais, após os impostos, provenientes no decorrer da vida do projeto.

E o fluxo de caixa residual é o fluxo não operacional, após o imposto de renda, que acontece no término do projeto (GITMAN, 2009).

A seguir, a Figura 3 mostra o diagrama do fluxo de caixa de um projeto, apontando cada componente.

Figura 3 – Componentes do fluxo de caixa



Fonte: Adaptado de Gitman (2009, p. 331)

Pode-se observar na Figura 3 os componentes do fluxo de caixa indicados. Investimento inicial é a saída de recurso no instante zero, que no projeto em questão é de R\$ 50.000. As

entradas de caixa operacionais são as entradas incrementais após os impostos, durante a vida do projeto, que crescem de R\$ 4.000 no primeiro ano, para R\$ 10.000 no último. Fluxo de caixa residual é o fluxo não operacional após o imposto de renda no encerramento do projeto que, no caso, é de R\$ 25.000.

Vale salientar que o fluxo de caixa residual não inclui os R\$ 10.000 de entradas de caixa no décimo e último ano de vida do projeto. (GITMAN, 2009).

2.6 Educação financeira

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2005), educação financeira é processo pelo qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros, de modo que, com informação e orientação corretas, sejam capazes de desenvolver os valores e as competências necessárias para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos envolvidos nas operações financeiras, e assim, poderem fazer escolhas melhores informadas e preparadas.

A educação financeira vai além do simples oferecimento de informações financeiras e recomendações, já que se trata de uma área que estimula o desenvolvimento de habilidades, formando na sociedade indivíduos críticos acerca dos serviços financeiros disponíveis, bem como preparados para melhor gerenciar suas finanças pessoais.

De modo subsequente, quando aprimoram essas habilidades, eles se tornam mais integrados à sociedade e mais atuantes no âmbito financeiro, ampliando o seu bem-estar. (SAVOIA et al., 2007).

Pode-se observar que educar-se financeiramente proporciona uma formação que capacita no exercício de operações financeiras, ajudando a agir de forma mais analítica, crítica, clara e consciente. Além do mais, o processo de educar-se no aspecto financeiro promove aos indivíduos a capacidade de tornar-se mais operante financeiramente, agindo de maneira coerente, adquirindo desta forma, melhor nível de comodidade financeira, e conseqüentemente, social.

De acordo com um estudo feito da parceria do Serasa Experian com o Ibope, e divulgado pelo Banco Central (BC) em janeiro de 2018, a maioria dos brasileiros não tem o hábito de poupar e nem de se planejar financeiramente. 56% dos entrevistados assumiram não realizar orçamento doméstico ou familiar, 69% afirmaram não ter pouparado nenhuma parte da renda nos

últimos 12 meses, e, além disso, 50% disseram que, algumas vezes, nos últimos 12 meses, as despesas foram maiores que a renda.

A ausência de rendas de todas as faixas etárias, principalmente, nas faixas de renda mais baixa, diminui a capacidade de arcar com as despesas imprevistas. Esses dados expressam bem a ausência de uma educação financeira na grade curricular brasileira, desde a infância até universidade, ou seja, no decorrer da vida estudantil, onde não existem disciplinas que tratem sobre orçamento ou planejamento financeiro familiar ou pessoal.

Esse cenário reflete bem o que retrata Silva (2004), sobre a realidade brasileira: as pessoas não foram educadas para pensar sobre dinheiro na forma de administrar e planejar, o que se vê é que a maioria, muitas vezes, gasta sem levar em consideração o impacto financeiro no seu orçamento de receita. Portanto, se torna evidente a necessidade de os indivíduos se educarem financeiramente a fim de se tornarem mais capacitados na gestão de seus recursos.

Desse modo, tal cenário e realidade financeira nacional também compactuam com as ideias de Kiyosaki (2002), que a educação em finanças deveria ser um assunto ensinado às pessoas desde o início da vida. Dessa forma, os indivíduos poderiam alcançar a vida adulta com uma base mais sólida de conhecimento para tomarem suas decisões de forma mais assertiva.

Um estudo realizado pelo Banco Central do Brasil (BCB) com cerca de 25 mil estudantes de 892 escolas públicas que receberam aulas de educação financeira, aponta que a prática desta disciplina nas escolas reduz o uso do cheque especial e rotativo do cartão. É um dado muito positivo já que as duas modalidades de crédito mencionadas são as mais caras para pessoas físicas, além de serem as maiores causas de endividamento no País. Assim, é possível perceber que a educação financeira deveria alcançar um patamar de obrigação nas escolas, desde o ensino fundamental. (VALOR INVESTE, 2020).

Outro ponto que pode fortalecer o aprendizado da educação financeira pelos jovens e crianças é a presença dos pais no letramento financeiro dos filhos, quesito este em que o Brasil se destacou conforme pesquisa divulgada pela OCDE. Na pesquisa, 1 a cada 10 jovens de outros países apontaram conversar com seus pais sobre dinheiro ou estratégias financeiras. Já o Brasil está entre os países em que 20% dos jovens afirmaram conversar diariamente com seus pais sobre assuntos financeiros. Isso pode contribuir para que no futuro tenham base mais sólida para tomarem decisões mais prudentes sobre o assunto. (VALOR INVESTE, 2020).

O Brasil ainda possui baixos índices de educação financeira, porém, aos poucos, vem progredindo no assunto. O que retrata isso é a democratização de investimentos e assuntos financeiros, com a ascensão de plataformas de investimento, casas de análise e influenciadores

de finanças nas redes sociais, o que refletiu em um salto de cerca de 600 mil investidores na bolsa de valores em 2018 para aproximadamente 1,9 milhão em 2020. Esse dado expressa um maior interesse das pessoas sobre assuntos financeiros e pode indicar um grande aumento na busca e aprendizado sobre ele. (VALOR INVESTE, 2020).

A educação com as finanças, se bem aplicada pode ser a base da estruturação ou reestruturação da economia de um país. A inserção do estudo de economia e finanças na grade curricular das unidades de ensino desde cedo, pode promover na sociedade adultos muito mais interessados, conscientes e formados para cuidar do controle financeiro pessoal. A somatória de finanças pessoais e familiares bem controladas e planejadas pode resultar, como montante para o país, em uma economia estável.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho baseou-se em pesquisas bibliográficas, utilizando-se fontes secundárias, ou seja, livros e outros documentos (ANDRADE, 2009, p. 115). O estudo foi de cunho exploratório, que segundo Andrade (2009, p. 114), é o primeiro passo de todo trabalho científico, em que se estuda um determinado assunto com o objetivo de levantar o máximo de conhecimento possível sobre tal. Assim, buscou-se identificar a dificuldade das pessoas no tocante a gestão das finanças e a importância da educação financeira no controle das finanças pessoais.

Na etapa inicial do trabalho, buscou-se o uso de teorização como meio preparatório para etapas subsequentes. Desse modo, conceituou-se economia, gestão financeira, finanças pessoais, comportamento do consumidor, planejamento financeiro e fluxo de caixa.

Na sequência, foi proposto como possível auxílio às dificuldades humanas existentes na gestão financeira pessoal, a criação de um Modelo de Fluxo de Caixa Mensal (Quadro 1) idealizado por meio e a partir dos já existentes e disponíveis por alguns órgãos privados como o Sebrae.

Quadro 1 – Fluxo de caixa mensal

DESCRIÇÃO	ORÇADO	EFETIVO	DIFERENÇA
ENTRADAS DE RECURSOS:			
SALÁRIOS			
ALUGUEL A RECEBER			
RENDIMENTOS DE APLICAÇÃO FINANCEIRA (JUROS DE APLICAÇÃO)			
OUTRAS RECEITAS			
TOTAL DE RENDIMENTOS			
PAGAMENTOS:			
PRESTAÇÃO DO IMÓVEL			
PRESTAÇÃO AUTOMÓVEL			
ÁGUA			
ENERGIA ELÉTRICA			
INTERNET			
TV A CABO			
PREVIDÊNCIA PRIVADA			
TOTAL DE PAGAMENTOS			
OUTROS GASTOS:			
RESTAURANTE			
DIARISTA			
COMBUSTÍVEL			
FARMÁCIA			
SUPERMERCADO			
ESTACIONAMENTO			
LAVA-RÁPIDO			
MÉDICO/DENTISTA			
ACADEMIA			
SALÃO DE BELEZA/ PET SHOP			
TOTAL DE GASTOS			
SALDO			

Fonte: Os autores.

O Fluxo de Caixa Mensal poderá conter todos meios de entradas de recursos e todos os pagamentos e despesas a serem honradas pela pessoa, e por fim, o saldo final, resultante dessa conta entre receitas e despesas.

Na última etapa da pesquisa, adotou-se a aplicação de um questionário que foi elaborado com perguntas fechadas, criado e disponibilizado por meio da plataforma Survey Monkey, que foi respondido por um grupo de 100 universitários voluntários que estão ingressando no mercado de trabalho atualmente, a fim de verificar seus níveis de educação financeira, bem como a viabilização e importância do Modelo de Fluxo de Caixa Mensal que foi proposto.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente seção discorrerá a respeito da análise e interpretação dos resultados obtidos com a pesquisa que consta no Anexo deste trabalho.

O questionário foi elaborado com perguntas fechadas, criado e disponibilizado por meio da plataforma Survey Monkey, em que foi respondido por 100 voluntários. As perguntas foram feitas com o intuito de levantar o contexto de vida financeira da amostra de universitários, além de seus níveis de prática e conhecimentos financeiros, ou também, educação financeira, e ter a possibilidade de realizar análises qualitativas e quantitativas. O questionário esteve disponível entre 29 de maio de 2020 e 15 de junho de 2020.

As primeiras perguntas visaram levantar o perfil geral dos universitários, como: idade, sexo, exercício de atividade remunerada ou recebimento de mesada.

Dentre os voluntários, 70% possui idade entre 17 e 24 anos, uma amostra majoritariamente jovem. Os 30% restantes possuem idade superior a 24 anos.

Em relação ao gênero dos entrevistados, 56% são do sexo masculino e 44% do feminino, ou seja, no grupo em foco o gênero masculino é numericamente maior.

Por fim, para finalizar o levantamento de dados iniciais, foi constatado que 49,76% possuem remuneração. Dos que não possuem, 42,20% recebe mesada conforme a necessidade. Ainda, dos que não realizam atividade remunerada: 6,54% recebe mesada mensalmente e 1,50% recebe semanal ou quinzenalmente.

Após o levantamento dos dados iniciais, foram realizadas questões para investigar o nível de prática e conhecimentos financeiros dos entrevistados, ou seja, seu nível de educação financeira. A primeira questão investiga se os entrevistados conseguem economizar o dinheiro que ganham (Gráfico 5). Dos que possuem remuneração, 25,38% conseguem economizar. Do restante dos entrevistados que possuem remuneração, 24,38% não conseguem economizar o que ganham, representando 49% da amostra total. Assim, foi possível constatar um expressivo equilíbrio entre os capazes de economizar a renda e os que não conseguem. Isso representa uma

melhora no nível de educação financeira das pessoas se comparada com a pesquisa, citada na literatura, divulgada pelo Banco Central (BCB) em 2018, que mostra que 69% dos indivíduos não conseguiram poupar nenhuma parte da renda em 2017, já que na presente pesquisa praticamente 51% dos entrevistados apontaram que conseguem economizar a renda.

A questão número 6 (Gráfico 6) levantou dados sobre a decisão dos entrevistados com o dinheiro que ganham. 30,86% dos que possuem remuneração guardam ou ajudam os pais em casa. Os outros 18,90% que tem remuneração, gastam. Esses dados também retratam uma melhoria no nível de educação financeira dos indivíduos, com atitudes mais prudentes e conscientes, como poupar a renda ou ajudar a família em detrimento de sustentar gastos supérfluos, como observado.

A questão 7, por sua vez, objetivou levantar se os pais dos entrevistados conversavam com eles a respeito de dinheiro. O resultado foi bastante positivo: 61% respondeu que sim e apenas 39% que não. Este dado corrobora o relatório de Competência Financeira do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), da edição 2018, divulgado pela OCDE, em que o Brasil se destacou no quesito participação da família na educação financeira dos filhos. No relatório, os pais e a internet foram as duas opções mais apontadas como fontes de informações sobre assuntos de dinheiro (VALOR INVESTE, 2020).

Dessa forma, esse dado representa uma boa atuação das famílias no assunto. Porém, cabe salientar que não é possível investigar a qualidade das informações passadas. Portanto, é essencial que os jovens sempre recorram a fontes diversificadas de aprendizado para aumentar seu conhecimento e possibilitar atitudes mais conscientes, minimizando erros, já que o Brasil ainda figura entre os países com menores índices de educação financeira.

91% dos entrevistados afirmaram possuir conhecimentos sobre educação financeira, como pode ser observado no Gráfico 8. É um dado bem expressivo e surpreendente se analisado em comparação com cenário geral do país.

Uma possibilidade da elevação de conhecimentos e noções financeiras das pessoas, principalmente dos jovens, pode ser a ascensão de influenciadores de finanças nas redes sociais, como Instagram e Youtube, além da democratização dos investimentos para pessoas físicas, o que resultou em um salto de cerca de 600 mil CPFS na bolsa de valores em 2018 para praticamente 1,9 milhão atualmente. (VALOR INVESTE, 2020).

Esse cenário mostra o aumento exponencial do interesse das pessoas no assunto “Finanças” e conseqüentemente uma maior busca pelo tema e crescimento do nível de conhecimento sobre ele. Porém, é necessário cautela, já que algumas pesquisas apontam um

cenário nacional diferente. O PEIC Nacional (2018), abordado na literatura, por exemplo, mostrava uma estabilidade nos níveis de inadimplência no país, mas o PEIC Nacional (2020) constata recorde histórico de inadimplência no Brasil, alcançando um total de 67,1% de endividados. Um aumento de praticamente 6 pontos percentuais em relação à pesquisa de março de 2018. Também houve aumento no índice de famílias que não terão condições de pagar suas dívidas, que saltou de 10,0% em 2018 para 11,6% atualmente.

Portanto, o dado surpreendeu, já que, no geral, espera-se que jovens sejam mais suscetíveis a hábitos consumistas e tenham menos noção a respeito de finanças, além de menor noção sobre os benefícios e importâncias da educação financeira. Foi constatado o contrário nessa questão: que jovens aumentaram seus conhecimentos sobre o assunto e estão mais conscientes. Porém, cabe salientar que dos 91% que afirmaram ter conhecimentos de educação financeira, 53% apontaram possuir pouco. Além disso, dos que afirmaram possuir remuneração, praticamente metade apontou não conseguir economizar o que ganha. Sobre esses dois pontos é possível inferir que o Modelo de Fluxo de Caixa Mensal será relevante, pois possibilitará que aqueles que não conseguem economizar a renda que ganham possam começar a se organizar e se planejar para que consigam. Ademais, o fato de 91% possuir conhecimentos, mesmo que básicos, sobre educação financeira, permite inferir que serão capazes de utilizar e seguir com tranquilidade o Modelo de Fluxo de Caixa Mensal proposto.

Finalizando a análise da pesquisa, foi constatado que 94% dos entrevistados consideram muito relevante adquirir conhecimentos sobre educação financeira (Gráfico 9), dado que corrobora a relevância do presente trabalho.

Por último, foi questionado sobre o modo como os entrevistados realizam suas compras a prazo (Gráfico 10). Dos que possuem remuneração, 24,38% afirmaram realizar compras somente à vista. Os outros 25,38% costumam comprar a prazo. Novamente os percentuais foram equilibrados, o que pode retratar uma melhora na noção de finanças das pessoas. Porém, o percentual que utiliza ferramentas como cartão de crédito, cheque e crediário ainda é acima da média. São ferramentas muito úteis na realização de compras, mas ainda é necessário uma noção e educação maior das pessoas para saberem utilizar, já que 76,9% das dívidas são por cartão de crédito e cheque pré-datado, como aponta a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) por meio do PEIC Nacional (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise mais detalhada acerca da importância da educação financeira sendo utilizada como instrumento de auxílio a gestão dos recursos financeiros pessoais. Levando em consideração que este é um estudo exploratório no qual identificou e levantou os principais temas que levam a maior facilidade quanto ao entendimento da educação financeira e itens essenciais para o controle das finanças pessoais, conceitos como planejamento financeiro, economia, endividamento, comportamento do consumidor, além de outros. O estudo também propôs a utilização de uma planilha de controle do fluxo de caixa mensal, esta criada pelos próprios autores do trabalho, a partir de modelos já existentes, para que fosse utilizada pelos usuários e leitores do estudo futuramente no seu controle financeiro em casa. E por final através da pesquisa realizada com alunos da Fatec de Cruzeiro São Paulo, pôde se constatar diferentes informações sobre como estudantes do ensino superior lidam com suas finanças, desde o modo que obtém entrada de recurso financeiro até as diferentes maneiras que estes o gastam, sendo que duas informações levantadas na pesquisa mostram um cenário promissor quanto a educação financeira pessoal e familiar, sendo que 61% dos entrevistados afirmaram conversar com seus pais sobre a importância do dinheiro e 91%, um número surpreendente, afirmou ter conhecimentos acerca da educação financeira. Além disso, foi possível entender relativamente qual o nível de educação financeira dentro de uma instituição pública de ensino superior.

Assim, além de ter alcançado os objetivos geral e específicos concluiu-se que o estudo foi de suma importância para o desenvolvimento da noção de importância da educação financeira pessoal no gerenciamento de recursos, para os autores e futuros leitores do trabalho, levando em conta a atual situação financeira e de como precisamos cada vez mais insistir na disseminação da educação financeira para que possamos evoluir como indivíduos e sociedade, gerando um valor econômico cada vez maior para nosso país e agregando sempre mais.

REFERÊNCIAS

ALVARELI, Luciani Vieira Gomes; Tobias, Eurídice da Conceição; MORAIS, Leonidas Magno de. **Modelo de artigo Fatec Cruzeiro – Professor Waldomiro May**. Cruzeiro: Centro Paula Souza, 2017. Disponível em:
<<http://www.fateccruzeiro.edu.br/downloads/projetos/artigo2017.doc>>. Acesso em 10 ago.2019

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: Elaboração de Trabalhos na Graduação**, 9ª Ed. Editora Atlas, 2009.

ANTONIONI, Peter; FLYNN, M. Sean, **Economia para Leigos**, Alta Editora e Consultoria Ltda., 2ª Edição, 2012, p.9

BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W.; ENGEL, J. F. **Comportamento do consumidor**. 9. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 200, p.6

BORGES, Paulo R. S. **A Influência da Educação Financeira Pessoal nas Decisões Econômicas dos Indivíduos**. VIII EPCT – Encontro de Produção Científica e Tecnológica – da UNESPAR/FECILCAM. 2013. Disponível em:
http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/04-Pborgestrabalhocompleto.pdf Acesso em: 10 de abr. 2018.

CERBASI, Gustavo. **Investimentos Inteligentes**, Estratégias para multiplicar o seu patrimônio com segurança e eficiência, 1ª Ed. Editora Sextante, 2013.

CNC - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) - março 2018**. Disponível em: <http://cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-marco>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CNC - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) – junho de 2020**. Disponível em: <http://www.cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-junho-0>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CRUZ, B. H. D; KROETZ, Marilei; FÁVERI, D. B. D. **Gestão Financeira Pessoal: Uma Aplicação Prática**. IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia; Resende - RJ, ed. 9, p. 1-17, out./2012. Disponível em:
<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/19116831.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2018.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

GITMAN, L. J. **Princípios da Administração Financeira**, 12ª Ed., Editora Pearson, 2009.

GITMAN, L. J. **Princípios da Administração Financeira**, 7ª Ed. Editora Harbra, 1997.

GOMES, Orlando **Macroeconomia: Noções Básicas**, Instituto Politécnico de Lisboa, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/1186/1/MacroIntroCap>

HALFED, M. **Investimento: como administrar melhor o seu dinheiro**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2006.

KIYOSAKI, R. **Independência Financeira**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

HOJI, M. **Administração Financeira na Prática: Guia para Educação Financeira Corporativa e Gestão Financeira Pessoal [Minha Biblioteca]**. Retirado de

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522492381/> Acesso em: 10 de out. de 2019

PIRES, Valdemir. **Finanças Pessoais Fundamentos e Dicas**. Piracicaba: Editora Equilíbrio, 2006.114 p.

ROGERS, S. **Finanças e Estratégias de Negócios para Empreendedores**, 2ª Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2011.

ROSS, WESTERFIELD, JAFFE. **Administração Financeira – Corporate Finance**, 2ª Ed. Editora Atlas ,2010.

SAVOIA, J.R.F.; SAITO, A.T.; SANTANA, F.A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Revista de Administração Pública, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, Rio de Janeiro, novembro/dezembro de 2007.

SILVA, da, E. C. **Como Administrar o Fluxo de Caixa das Empresas**, 9ª edição. [Minha Biblioteca]. Retirado de <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597008067> Acesso em: 07 de out. de 2019.

SILVA, Eduardo D. **Gestão em Finanças Pessoais: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

SOLOMON, Michel R. **O Comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 93ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

VALOR INVESTE. **Conversa entre pais e filhos sobre dinheiro é principal ferramenta para aumentar educação financeira de jovens, diz OCDE**. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2020/05/07/conversas-entre-pais-e-filhos-sobre-dinheiro-e-principal-ferramenta-para-aumentar-educacao-financeira-de-jovens-diz-ocde.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2020.

VALOR INVESTE. **Educação financeira nas escolas reduz uso de cheque especial e rotativo do cartão, aponta BC**. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2020/06/19/educacao-financeira-nas-escolas-reduz-uso-de-cheque-especial-e-rotativo-do-cartao-aponta-bc.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2020.

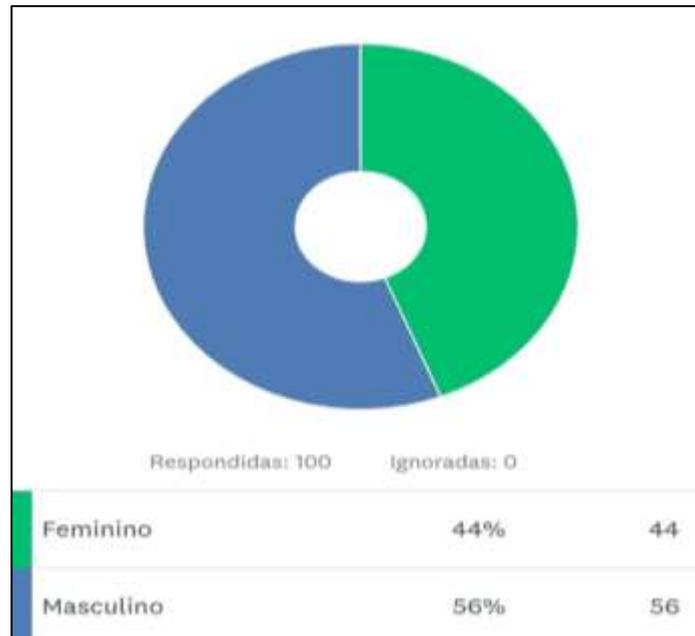
VALOR INVESTE. **O Que os Dados da B3 Sobre Pessoas Físicas na Bolsa Revelam**. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/blogs/fernando-torres/post/2020/05/o-que-os-dados-da-b3-sobre-pessoas-fisicas-na-bolsa-revelam.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval, **Economia: Micro e Macro**, 4ª Ed., Editora Atlas, 2006.

WELSCH, Glenn Albert. **Orçamento empresarial**. São Paulo: Atlas, 2010 p. 400.

5. Anexo

Gráfico 1 – Sexo



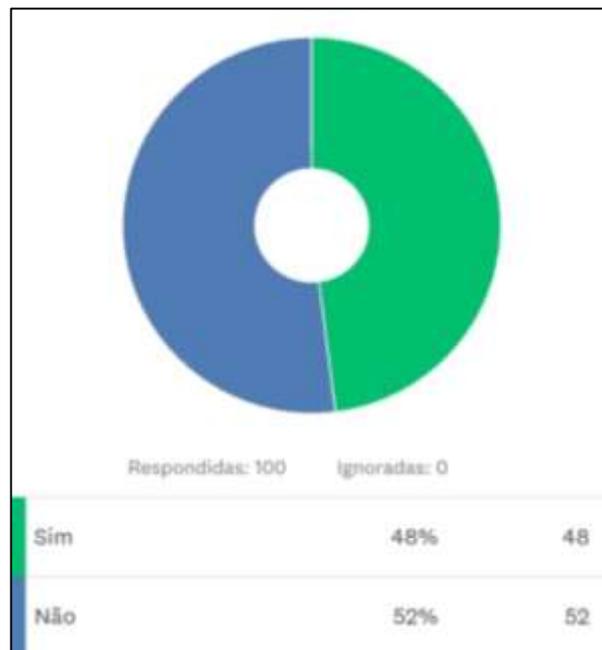
Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 2 – Qual sua idade?



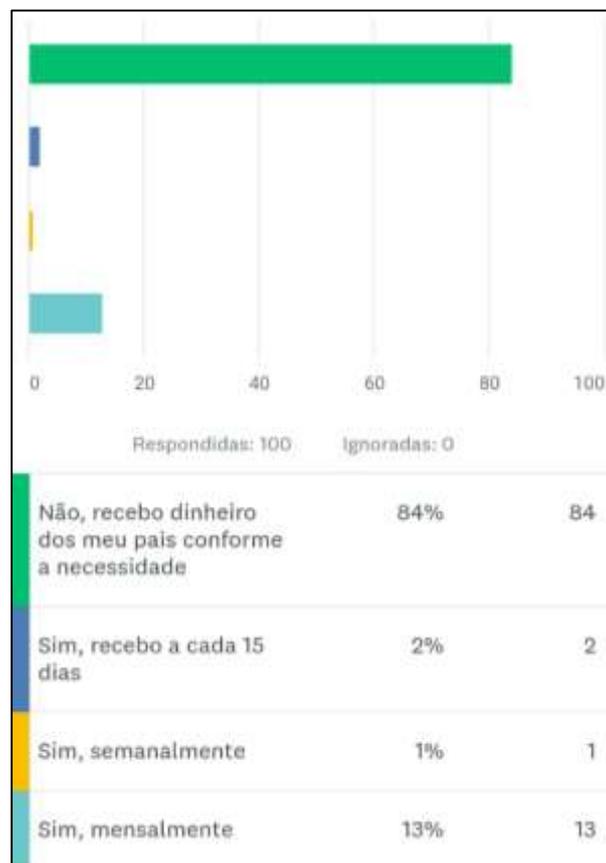
Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 3 – Você exerce alguma atividade remunerada (trabalho/estágio)?



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 4 – Você recebe mesada?



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 5 – Você consegue economizar o dinheiro que ganha?



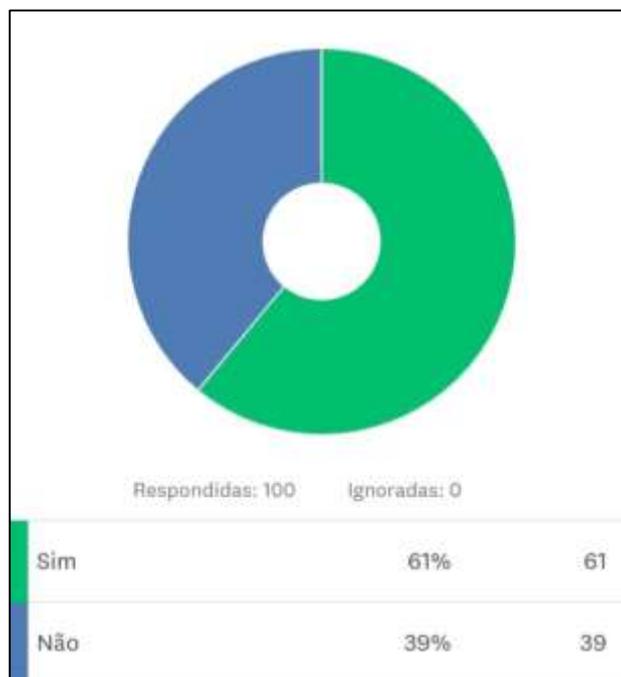
Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 6 – O que você faz com o dinheiro que ganha?



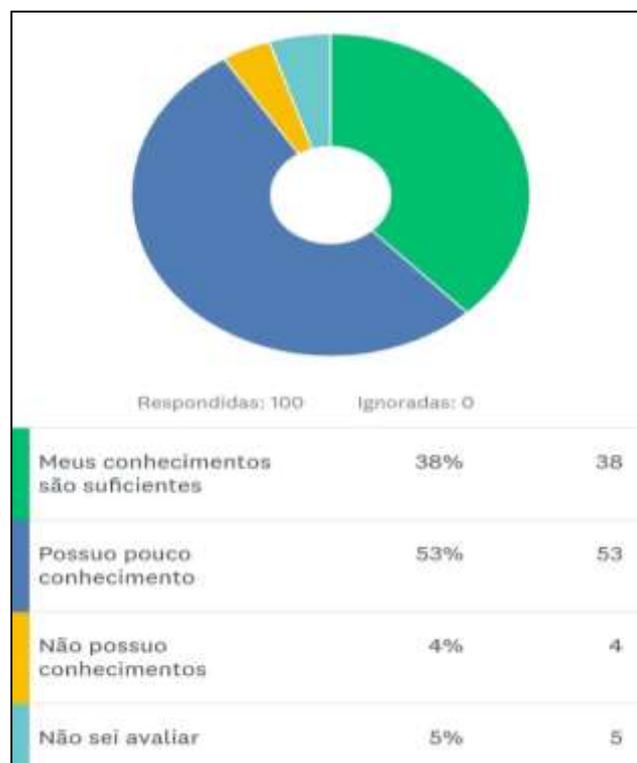
Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 7 – Seus pais conversam com você sobre a importância do dinheiro?



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 8 – Sobre seus conhecimentos em Educação Financeira, responda:



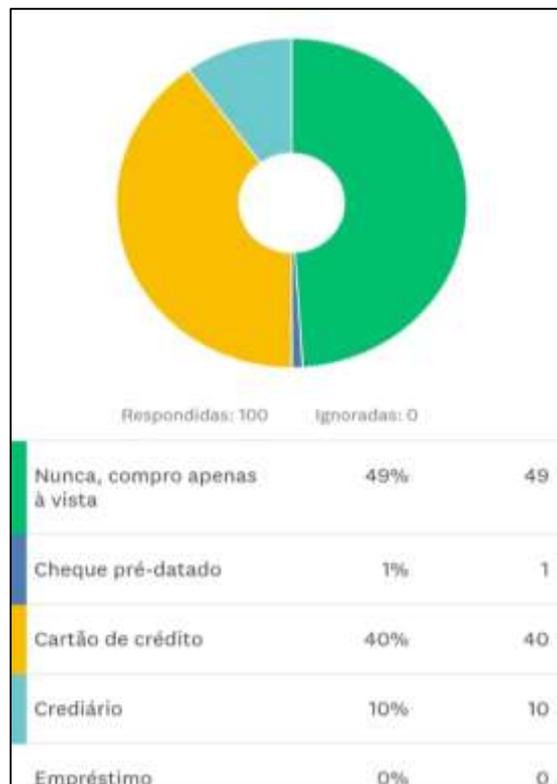
Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 9 – Você acha que é relevante adquirir informações sobre Educação Financeira nas escolas?



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 10 – Como você costuma realizar suas compras a prazo?



Fonte: Dados da Pesquisa.